A *Poética do Devaneio* na Obra

Rápida, a Sombra, de Vergílio Ferreira

Erivelto da Silva Reis[1]

Resumo: Este artigo discute os elementos ligados à construção metaficcional presentes na obra *Rápida, a sombra* (1979), de Vergílio Ferreira, à luz dos conceitos apresentados por Gaston Bachelard em sua obra *Poética do devaneio (2009)*. Justifica-se a pesquisa pela compreensão de que em *Rápida, a sombra*, Vergílio Ferreira estaria no auge do desenvolvimento de seu projeto literário. Entende-se que na obra vergiliana há uma estética baseada na superposição entre a linguagem poética da subjetividade, a ressignificação semântica de palavras, forma e conteúdo. Destaca-se, ainda, que os romances do autor – projeto e experimentação constantes – são minuciosamente elaborados e, além de produzirem um vigoroso, extenso e profícuo ensaio criativo, caracterizam-se como obras de uma beleza estética e poética, cujo ineditismo e densidade das tramas narrativas, ora mescla de autoficção e de elementos autobiográficos, ora construções metapoéticas, elencam uma proposta de transformação da linguagem do romance.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira, Devaneio, Poética, Gaston Bachelard, Literatura Portuguesa.

Abstract: This article discusses the elements connected with the metafictional construction presented in the work Rápida, a sombra (1979), by Vergílio Ferreira, under the light of some concepts presented by Gaston Bachelard, in his work Poética do devaneio (2009).The research is justified by the understanding that, in Rápida, a sombra, Vergilio Ferreira would be in the highest point of the development of his literary project. It is understood that, in the Vergilian work , there is an esthetics based on the superposition between the poetical language of subjectivity, the semantic ressignification of words, form and content. It is worth noting that the author´s novels – constant project experimenting, are minutely elaborated, are characterized as works of great esthetic and poetical beauty. The density of the narrative, sometimes a mixture of selfiction and biographical elements, sometimes metapoetical buildings, point out a proposal of transformation of the language of the novel.

Keywords: Vergílio Ferreira, Daydreaming, Poetics, Gaston Bachelard, Literature.

[1]Erivelto da Silva Reis – Mestre em Letras Vernáculas – UFRJ, Professor de Literaturas e Produção de Textos das FIC/RJ, Membro do Núcleo de Estudos da Linguagem Poeta Primitivo Paes (NEL - PPP) das FIC/RJ e Coordenador de Área do Subprojeto PIBID/FIC P.A.A.. É doutorando em Letras Vernáculas pela Faculdade de Letras da UFRJ. Contato: eriveltoreis@yahoo.com.br.

A *Poética do Devaneio* na Obra *Rápida, a Sombra*, de Vergílio Ferreira

> As forças imaginantes da nossa mente desenvolvevem-se em duas linhas bastante diferentes. […] Umas encontram seu impulso na novidade; divertem-se com o pitoresco com a variedade, com o acontecimento inesperado. A imaginação que elas vivificam tem sempre uma primavera a descrever. Na natureza, longe de nós, já vivas, elas produzem flores. […] As outras forças imaginantes escabam o fundo do ser; querem encontrar no ser, ao mesmo tempo, o primitivo e o eterno. Dominam a época e a história. […] poderíamos distinguir duas imaginações uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; […] É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne uma causa formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz. […]
>
> Gaston Bachelard – "Imaginação e matéria", in: *A água e os sonhos*.

O mundo apenas em aparência ou a metafísica das relações apoiadas em dogmas podem ser situações lidas como ensaios de vida. Se esta vida é apenas ensaio para outra, a Literatura pode ser o roteiro inicial ou final desse ensaio.

É preciso que a centelha da criatividade, o arcabouço da arte, a expressão de elementos irreais, verossímeis e miméticos, que, talvez pela dimensão literária que alcancem, proporcionem aos indivíduos o alívio, a superação, o entendimento, ou, ainda, produzam o incentivo a continuar a busca, na convivência com a expectativa de ser, com a desilusão de não ter sido, com a incógnita de entender o que se é.

E, em meio a isso tudo, há ainda a incerteza do caminho que se percorre, dos desígnios que se obedecem, do destino que se cumpre ou do arbítrio que possibilitaria escrever uma história de vida diferente que contrasta com a certeza de Vergílio Ferreira, assinalada por Rosa Maria Goulart, no artigo "Vergílio Ferreira: romance, um 'gênero maior' em crise" (1999/2000, p.107, 3º§) de apenas "existir em escrita".

O objetivo deste artigo é apresentar uma leitura da obra *Rápida, a sombra* (1979), do escritor português Vergílio Ferreira (28/01/1916 - 01/03/1996), através do diálogo que a aproxima dos elementos que Gaston Bachalard discutiu em sua obra *A poética do devaneio* (2009).

Justifica-se a pesquisa pelo entendimento de que em *Rápida, a sombra*, Vergílio Ferreira estaria no auge do desenvolvimento de seu projeto literário, por entender-se que na obra vergiliana há uma estética baseada na superposição entre a linguagem poética da subjetividade, a ressignificação semântica de palavras, forma e conteúdo.

Há, ainda, a compreensão de que os romances do autor – projeto e experimentação constantes – são minuciosamente elaborados e, além de produzirem um vigoroso, extenso e profícuo ensaio criativo, caracterizam-se como obras de uma beleza estética e poética, cujo ineditismo e densidade das tramas narrativas, ora mescla de autoficção e de elementos autobiográficos, ora construções metapoéticas, elencam uma proposta de transformação da linguagem do romance e podem ser, de fato, resultado dessa transformação.

Considerados, portanto, linguagem literária: em estado de constante experimentação, temáticas autoficcionais e autobiográficas, ruptura e transição em relação ao neorealismo e o contexto social e político do período de criação e de publicação das obras, a hipótese que norteia esse artigo é a de que a intencionalidade da ação poética e da metaforização da linguagem construiram, na obra vergiliana, um ensaio de algo maior para além do romance como gênero, para além da linguagem como forma: uma mescla de existencialismo e devaneio poético-literário-narrativo que deu origem a uma estética romanesca diferenciada. Ou, como se propõe nesse artigo, uma poética do devaneio.

Na obra vergiliana a busca de si através do outro é uma constante. Projeto que se insinua desde o desenho físico e emocional das personagens (criadas ou evocadas de memórias afetivas, reais ou inventadas), da escolha de títulos e da recorrência da morte dos personagens infantis: metáfora da inocência aniquilada (pelo tempo, pela política e pela perda da inocência).

Muito embora Bachelard atribua para a palavra "sonho" uma aura e um sentido masculinos, ou próprios do homem; e para a palavra "devaneio", uma aura e um sentido femininos, próprios da condição feminina de existir, no presente artigo, o que se pretede discutir é de que forma a questão do devaneio (ficcionalização de lembranças, invenções, seres e acontecimentos) alcança destaque e une poesia e narrativa na construção dos romances, ou se constitui como um ensaio, uma tentativa de criar algo novo, para além do gênero. Leia-se Bachelard:

> Quando sonhamos nossa língua materna, mediante nossa língua materna – podem-se vivenciar devaneios numa língua que não aquela confiada à "múrmura memória"? –, […] muitas vezes o que fiz foi tresvariar sobre o gênero masculino ou feminino das qualidades morais como orgulho e vaidade, ímpeto e paixão. Parecia-me que o masculino e o feminino nas palavras acentuavam os contrários, dramatizavam a vida moral. (BACHELARD, 2009, p. 28; 29).

Vergílio Ferreira pensa e critica sua obra e parece ter como parâmetro o devaneio, paradoxalmente consciente, como descreve Bachelard, do alcance moral do sentido das palavras. Outra questão que seria importante destacar é o entendimento de que as obras

compõem um plano, um projeto metaficcional de Ferreira de autoficcionalizar-se. Leia-se Vergílio Ferreira:

> […] Que velha ordem se encerra, que nova ordem se abre? Mas não há ordem final e mais extrema do que aquela que se firma numa evidência fundamental. Aí então é possível estabelecer as várias ordens que se quiserem, desde as de carácter político ou económico até as de carácter cultural e artístico. […] Porque a arte é a inteligência da vida, mais do que o seu reflexo ou expressão. (FERREIRA, 1965, 228; 229).

Considerem-se as obras de Ferreira que, ao serem analisadas unitária e isoladamente, poderiam demonstrar um entrelaçamento narrativo com recorrência de temas, personagens e questionamentos de ordem crítica acerca do papel do escritor, da crítica e da arte enquanto são narradas as histórias criadas para as personagens.

Percebe-se, na obra vergiliana, um audacioso e metódico projeto de ressignificações, um mosaico de almas de papel, de personagens de ar e imaginação, ficcionais, autoficcionais e, até mesmo, autobiográficos. Essa opção pela manipulação da narrativa e da extrapolação dos elementos linguísticos para esse feito como uma transição inexorável da obra de Vergílio do neorrealismo para o existencialismo literário e biográfico se caracterizaria por um domínio da fragmentação e da transposição de elementos da prosa romance a romance, num projeto consciente, levado a cabo até o fim da vida e da carreira do escritor. Leia-se Vergílio Ferreira:

> Imediatamente, a um simples exame de viragem do século XIX para o século XX, nós verificamos a dissolução da estrutura romanesca no que se refere à concepção da personagem, ao tempo da narrativa e à própria narrativs ou história ou "anedota". […] Quem ignora o clamor escandalizado deste ou daquele crítico que nos declara que *isto já não é poesia*, que *isto já não é teatro*, que *isto já não é romance*? E todavia só não o é […] romance, nem teatro, nem poesia, quando já nos não orientam a vida, porque a vida se nos atrasou. (FERREIRA, 1965, p. 242; 243).

Entende-se a partir da afirmação de Vergílio Ferreira que sua preocupação com a estética e com a qualidade do romance está diretamente ligada às suas considerações sobre a própria constituição da arte como espelhamento da sociedade. Tal preocupação parece instaurar na obra vergiliana um devaneio permanente, talvez, opondo-se até mesmo ao humanismo que pode advir de questões existencialistas às quais pretensamente o autor fora simpático em suas obras iniciais.

Em cada personagem autoficcionalizado criado por Ferreira, encontra-se a discussão sobre o escritor que vê o mundo e que não se vê nele; sobre o escritor que produz a obra que não lê o mundo. Nesse jogo cíclico de ver e ser visto, de refletir sobre e refletir-se, o devaneio, o sonho, a reminiscência e a autoficção ganham notoriedade na obra vergiliana, ora pelo apuro poético e metafórico de suas tramas e de seus axiomas, ora pela reinvenção de um modo de narrar que sinaliza experimentação, ensaio e inovação. Leia-se Vergílio Ferreira:

> […] A "psicologia" é um luxo que a tragédia moderna nos recusa. E que é que garante a verdade dessa psicologia? Em que medida – pergunta-se hoje – ela não é também uma ficção. A "psicologia" como a "personagem", como todos os elementos estéticos são um meio de coordenação com a vida, da sua intelecção, envolvem pois a qualidade de instrumentos próprios para a relação com uma determinada época, como qualquer outro elemento que com tal época se coordene. […] (FERREIRA, 1965, p. 246).

É como se os personagens aparentemente mais típicos ou as situações mais comuns – resgatadas do imaginário do autor e da percepção do que poderia ser considerado normal e/ou recorrente – servissem de "cobaias" para o projeto metaficcional de Vergílio Ferreira de pensar sobre a obra enquanto a escreve. Assim, justifica-se a escolha do romance *Rápida, a sombra* (1979). Leia-se Gaston Bachelard:

> Quanto mais mergulhamos no passado, mais aparece como indissolúvel o misto psicológico memória-imaginação. Se quisermos participar do existencialismo do poético, devemos reforçar a união da imaginação com a memória. Para isso é necessário desembaraçar-nos da memória historiadora, que impõe os seus privilégios ideativos. Não é uma memória viva aquela que corre pela escala das datas sem demorar-se pelos sítios da lembrança. A memória-imaginação faz-nos viver situações não fatuais, num existencialismo do poético que se livra dos acidentes. Melhor dizendo, vivemos um essencialismo poético. No devaneio que imagina lembrando-se, nosso passado redescobre a substância. Para lá do pitoresco, os vínculos da alma humana e do mundo são fortes. Vive em nós não uma memória da história, mas uma memória do cosmos. As horas em que nada acontecia retornam. (BACHELARD, 2009, p. 114).

Utilizando-se da perspectiva da concepção filosófica de Bachelard, seria possível considerar que a poética presente na obra de Vergílio Ferreira seria fruto do devaneio do autor e que este devaneio poderia ser, em oposição ou em transição aos valores e padrões identificados com o existencialismo, a essencial memória de um tempo onírico resgatada pela criatividade da arte literária.

Segundo Gaston Bachelard (2009, p. 144) "Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência." Assim, o grande ensaio de obra objetivado por Vergílio a partir das considerações de Bachelard constitui-se como a inabalável tentativa de não permitir a padronização da arte segundo moldes que atendessem necessariamente apenas à memória do tempo do qual se originam, mas à essência da inquietude humana através da construção estética, psicológia, filosófica e emocional de seus personagens.

Em *Rápida, a sombra* (1979), a narrativa abre-se com o amanhecer, e cíclica e enigmática, propõe jogos metaficcionais de luz e sombra. Ilumina-se a narrativa, mas lança-se sombra sobre os personagens; iluminam-se os personagens e as sombras recaem sobre o escritor externo ao texto – aquele que brinca de Deus, de criador. Ilumina-se o presente, e a

sombra obscurece o passado; ilumina-se o início e o final é uma sombra diferente. O escritor é um sonhador que sonha (devaneia) com mundos aos quais não pertence, pelo menos como sujeito histórico da enunciação. Leia-se Bachelard:

> Mas o sonhador de mundo não olha o mundo como um objeto, precisa apenas do olhar penetrante. É o sujeito que contempla. Parece então que o mundo contemplado percorre uma escala de clareza quando a consciência de ver é consciência de ver grande e consciência de ver belo. A beleza trabalha o sensível. A beleza é a um tempo relevo do mundo contemplado e elevação na dignidade de ver. […] No mundo da palavra, quando o poeta abandona a linguagem significativa pela linguagem poética, a estetização do psiquismo se torna o signo psicológico dominante. O devaneio que quer exprimir-se torna-se devaneio poético. É nessa linha que Novalis pôde dizer claramente que a liberação do sensível em uma estética filosófica se fazia conforme a escala: música, pintura, poesia. (BACHELARD, 2009, p. 178;179).

O romance *Rápida, a sombra* (1979), de Vergílio Ferreira, tem algumas características ligadas à poética da metáfora e da metalinguagem. Há um espelhamento claro entre a figura autoficcionalizada – pelo menos dos juízos críticos de Ferreira – no comportamento construído acerca da concepção de arte do escritor (narrador-personagem) Júlio das Neves.

Vê-se a história de um autor/personagem/narrador abandonado pela mulher, Helena, atormentado pelas incessantes sombras que o perseguem: a sombra do fracasso, do desamor, da traição, da figura do crítico (Túlio, seu genro, casado com sua filha Emília), dos "maus" escritores e poetas, do sol, do remorso, da solidão, da condição patética, da própria infância e da luta para garantir para si mesmo um retorno à aldeia idealizada. Ainda se vê o embate com a personagem Hélia, uma mulher que rivaliza em mistério e idealizações com a ex-mulher do personagem Júlio Neves.

Verifica-se um cuidado todo especial na elaboração da narrativa que faz com que a função poética e metalinguística da linguagem, criada por Jakobson, que chega a ser citado na obra, seja explicitada. Leia-se o próprio Vergílio Ferreira, na obra *Conta-Corrente I* – Nova Série:

> O equívoco da relação do real com o imaginário sobre ele construído, nasce da obstinada ideia de que um está contido no outro, de que o imaginário é um real composto - e nunca a ideia de que o imaginário é uma realização de si própria que (re)inventa o real do qual partiu. O real é um monturo sem significação legível e é necessário que a arte o (re)invente para ele começar de facto a existir. O que se reencontra no real não está lá, porque de facto o que lá está, depois de estar alguma coisa, foi o imaginário do artista que o lá pôs. O real em bruto não é nada, antes de o artista o transcender a uma significação que é a da arte. (FERREIRA apud. SOUSA, http://www.ipv.pt/millenium/ect8_mgs1.htm. Acessado em 06 de outubro de 2012.).

Há um momento na obra vergiliana em que as questões essenciais se sobrepõem às questões existenciais. Não se poderia, talvez, precisar que momento é este, ou se as questões

essenciais já não existissem antes, porém, a alusão constante aos mitos, a reinvenção de infâncias (a morte, a visitação por reminiscências ou memórias imaginadas), a autoficção de conflitos transferidos para personagens, a própria metaficção e o pensar constante sobre a própria obra atingem um nível notável na obra *Rápida, a sombra* (1979). Leia-se Bachelard:

> Os poetas, mais que os biógrafos, dão-nos a essência dessas lembranças do cosmos. Baudelaire toca brevemente nesse ponto sensível: "A verdadeira memória, considerada do ponto de vista filosófico, não consiste, acho eu, senão numa imaginação muito viva, fácil de emocionar-se e, por consequência, suscetível de evocar em apoio de cada sensação as cenas do passado apresentando-as como encantamento da vida"[…] aquilo que confiamos à memória em harmonia com o existencialismo do poético é *nosso*, pertence a nós, é nós. É necessário possuir, com toda a alma, o centro da imagem. As circunstâncias notadas muito minuciosamente prejudicariam o ser profundo da lembrança. […] O grande problema do existencialismo do poético é o de conservá-lo em estado de devaneio. Aos grandes escritores pedimos que nos transmitam os seus devaneios, que nos confirmem nossos devaneios e assim nos permitam viver nosso passado reimaginado. (BACHELARD, 2009, p. 115).

A tautologia do devaneio que evoca os mitos subverte as formas canônicas do texto e transcende o tempo no qual se origina, caracterizando a poética vergiliana. Seus romances são, possivelmente, ensaios do grande projeto literário e artístico, da metáfora que o autor constrói a cada nova obra: o livro é a vida, a constituição cujos artigos suscitam a mitologia e a exegese/biópsia do corpo subjetivo de um deus que até o partido pode utilizar. A nudez do homem deve se coadunar com a falta de polidez com que o crítico desenha um projeto, ensaio de literatura cujos resultados tanto teóricos como práticos devem traduzir-se em obras e em mudança de rumo. Leia-se Bachelard:

> A façanha do poeta no clímax do seu devaneio cósmico é a de constituir um cosmos da palavra. Quantas seduções deve o poeta associar para arrebatar um leitor inerte, para que o leitor compreenda o mundo a partir dos louvores do poeta! […] O sonhador fala ao mundo, e eis que o mundo lhe fala. […] Quando um sonhador fala, quem fala, ele ou o mundo? […] Sim, antes da cultura o mundo sonhou muito. Os mitos saíam da Terra, abriam a Terra para que, com os olhos dos seus lagos, ela contemplasse o céu. […] Nos devaneios cósmicos primitivos, o mundo é corpo humano, olhar humano, sopro humano, voz humana. […] A voz do poeta é a voz do mundo. (BACHELARD, 2009, p. 180; 181).

Neste espaço não se pretende associar a figura do escritor à figura de um sonhador (alienado das questões que o rodeiam, ufanista ou otimista exacerbado), tampouco mesclar a figura de um eu-lírico à figura do autor e/ou do personagem (mesmo em se tratando de autoficção), mas de estabelecer, como método, uma poética (mescla de temática e de estética), um processo consciente, um ensaio, um projeto que se traduz em uma nova concepção de narrativa e, por consequência, de um novo romance: o romance pós-"morte do romance". Assim, o romance vergiliano advém de uma poética, a do devaneio, na qual o escritor (poeta)

assume a voz que emana de tempos atemporais (devaneio) para discutir questões relacionadas ao tempo, ao espaço, ao sujeito e à escrita. Leia-se mais um fragmento do romance de Ferreira:

> [...] Paro um pouco a considerá-lo na memória inteira pura do seu absoluto de ser. [...] Estende-se ao tamanho do que trazemos por dentro. E assim vazio, escorrido espraiado, uma hemorragia de mim, pura ausência até ao não ser. Será assim talvez a morte – uma explosão em partículas de toda a nossa consistência. (FERREIRA, 1979, p. 28; 29).

Em seguida, não chega a ser surpresa que o primeiro capítulo, a primeira frase da obra apresente o autor/narrador/personagem com a chave na mão abrindo a porta: "Meto a chave à porta de casa, rodo-a duas vezes antes de puxar o trinco" (FERREIRA, 1979, p.09). Aqui já se desenha a indicação de uma leitura literária – primeiro giro da chave – e de uma segunda leitura: a metaliterária – a segunda volta da chave. E ainda serão consideradas as inferências, as recorrências temáticas e as intertextualidades. Leia-se Paiva:

> [...] em *Rápida, a sombra* o tema do regresso é retomado com a mesma evidência e o mesmo fulgor (ou ainda maiores) já conhecidos de Cântico final. E claramente se percebe, quando se cotejam Rápida, a sombra e Para sempre, que o regresso de Júlio Neves à sua aldeia (dado apenas em termos imaginários) desdobra-se, prolonga-se ou repete-se – e não só apenas tematicamente, mas mesmo textualmente – no regresso (real) de Paulo (de Para sempre), à aldeia da sua origem, em frente à montanha, cumprida toda uma vida: velho, aposentado, viúvo e pai de uma filha com quem quase não se relaciona. O regresso de Paulo ou o de Júlio é o de todos e o de cada um dos protagonistas dos romances de Vergílio, porque todos são, afinal, o mesmo Homem, a arquipersonagem que desde a infância se deslocara em partidas, viagens e regressos, até ao regresso final e para sempre. (PAIVA, 2006, http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/4.%20Dout%20e%20mestres%202006/4.5_Jos__Rodrigues.pdf)

O personagem está em uma situação narrativa – chegando à casa e encontrando um bilhete de despedida – mas, ao mesmo tempo, nos abre a porta da percepção de que nem sempre a vida de um escritor pode ser entendida como um romance de enredo rico e linear, cujos sentidos saltariam com facilidade aos olhos do leitor. E levaria ainda ao questionamento sobre a existência real ou ficcional.

> [...] O sonho do homem é ser Deus. [...] Escreve livros para se aprender a lê-los e não sermos analfabetos, faz barulho para não dormirmos de mais, faz-nos ligeiros, para não criarmos banha [...] A única verdade – apenas estar. Este cheiro insuportável de cadáveres. Não me dá para ser morto, suponho que. Não tenho pena dos mortos. Só o que perdura no horror de virar os olhos e tapar o nariz, só o horror. Ser-se sem se ser – a única verdade. (FERREIRA, 1979, p. 38; 40).

Assim, *Rápida, a sombra* (1979) parece propor algumas questões existenciais: quantos sentidos teria a existência da alma de um indivíduo de carne e osso? Quantas almas poderia criar um escritor que se ficcionalizasse para contar sua história, a de figuras de seu fervilhante e conturbado país, para subverter correntes estéticas, estilísticas, filosóficas e políticas? Onde o existencial subjetivamente idealizado e o real tão implicitamente recriado? Leia-se Rosa Maria Goulart:

> [Vergílio] faz simultaneamente do romance um lugar de expressão e de uma mundividência, de autognose e ainda de pesquisa insondável, do invisível, do absoluto; e, por outro, as suas formas de construção romanesca pretendem, assim, dar conta desses objectivos. Por isso a desconstrução da história no romance contemporâneo (que ele abundantemente pratica) pretende significar a caoticidade do mundo hodierno enquanto, ao invés, é sobretudo nas passagens líricas que o mundo da fascinação e da perquirição da profundeza melhor se realiza. (GOULART, 1999/2000, p.112).

Em Vergílio Ferreira, a vida fomenta e a arte parece formular ou ocultar tais perguntas. Leia-se um fragmento do artigo "Conhecer as bases temáticas da Cultura Portuguesa", na seção de apresentação sobre a vida e a obra de Ferreira, elaborado pela estudiosa Rosa Maria Goulart, para o Instituto Camões:

> Na linha da filosofia existencialista, que teve em Jean-Paul Sartre um dos seus expoentes máximos, e de escritores como Camus e o Malraux escritor da "condição humana", mas tendo ainda, num horizonte mais recuado, Dostoievski, Sófocles e os tragediógrafos gregos, [...] Vergílio adotará definitivamente como seus os temas da vida e da morte, do amor, da solidão, da sondagem das profundezas do "eu", na mira de um autoconhecimento que passa necessariamente pelo conhecimento do outro, da arte como forma de "dar a ver" o que a rotina do quotidiano esconde e como depuração da vida. Em última instância, mantém-se uma nunca pacificada questão em torno da "morte de Deus", com o qual Vergílio, contraditoriamente, não cessa de travar um persistente (angustiado?) diálogo, e uma nostalgia de Absoluto ou de Transcendência, como que a solicitar o preenchimento do lugar vazio deixado por esse mesmo Deus. (GOULART, 2010, http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1446-vergilio-ferreira.html. Acessado em 07 de outubro de 2012).

O personagem Júlio Neves (FERREIRA, 1979, p.53), angustia-se diante da percepção da passagem do tempo: "Nós temos a idade do nosso olhar. Não dos olhos, eu disse do olhar. Picasso está a caminho de ser centenário como os mortos. Mas se abre os olhos. Fuzilam." Depreende-se da construção existencialista vergiliana a percepção de que a sombra do tempo talvez seja a única sombra não tão rápida, mesmo quando parece passar depressa. Leia-se um fragmento da obra *Rápida, a sombra* (1979):

> E assim o esqueço e me esqueço e no vazio do esquecimento me dissipo na música que ainda e sempre. Música do espaço, do infinito do horizonte, procuro-a pelo céu, no azul carbonizado, no seco rumoroso da vertigem das ruas, no cansaço da tarde. O raio de sol nas estantes. [...] Estala em partículas de luz. (FERREIRA, 1979, p. 41).

Vergílio Ferreira, em sua existência inter e extratextual, para saber-se possível como autor, crítico e como ser; para fazer-se compreensível, e, naturalmente, potencializar o alcance de sua prosa, trabalha, em diversos momentos, com a consubstanciação e a estruturação de pares de personagens ou em *continuum* convergente ou em paradoxo com a concepção do elemento duplo, da identidade dos personagens em sua prosa. Leia-se um fragmento da obra de Vergílio Ferreira:

> Ela perguntou como é que eu sabia. Eu disse como é que eu sabia. Ela disse que há sempre crise nos outros quando já os não entendemos. [...] Olhei-a intensamente em silêncio de modo que disse tudo. [...] – Hélia! Se fôssemos dar uma volta no jardim? [...] – No jardim? Que ideia. Como dois velhinhos? [...] – No jardim? – diz-me Helena. – Ah, não. [...] Entre as duas, na memória viva que ia de uma à outra, fiquei perplexo, interdito. (FERREIRA, 1979, p.84).

Através da construção em prosa do projeto literário de Vergílio Ferreira, romancista, percebemos o inserir-se (personagem) para extrair-se (persona) de seus romances; o ficcionalizar-se (escritor) para reconhecer-se ou mesclar-se em suas obras (crítico); para falar de sua aldeia/pátria (aldeão); sem deixar de dialogar com outras paragens, outras aldeias (cidadão); para falar de seu presente (conquista/espaço) sem ignorar seu passado (trajetória/memória). Leia-se, ainda, o fragmento do artigo de Rosa Maria Goulart, para o Instituto Camões:

> Colocando, a partir de *Manhã Submersa* e em quase todos os romances que se lhe seguem, a personagem/narrador no centro do universo narrado, Vergílio Ferreira faz irradiar a partir dela os problemas existenciais, sendo esse recurso, no seu entender, uma forma de "presentificar" a ação para assim ele próprio se aproximar mais do leitor, interpelando-o e comovendo-o. Neste sentido, está o frequente recurso à metaficcionalidade, um dos lugares utilizados por Vergílio Ferreira para pensar a arte dentro da arte ou o romance dentro de romance. E revelando-se este frequentemente, pelas características da enunciação, como o lugar de uma presença emocionada (a do eu que se narra), está aberto caminho para a expressão lírica, o que afeta categorias essenciais da narrativa como o tempo, que ora se desestrutura, originando a "fragmentaridade", ora se suspende, transformando o precário tempo da vida das personagens em eternidade, ou como o espaço, que se oferece menos como local da ação do que como projeção de um encantamento irrealizante. (GOULART, 2010, http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1446-vergilio-ferreira.html. Acessado em 07 de outubro de 2012).

Assim, observados os seguintes momentos da prosa de Ferreira, identifica-se, a partir do ensaio "A presença da antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio

Ferreira" (1999), de Maria do Céu Fialho, que resgata argumentos de Hélder Godinho, ao observar aspectos do gênero feminino encontrados nas obras de Ferreira, a presença e a tendência da estruturação narrativa da duplicidade. Leia-se o fragmento do texto *Estrutura e personalidade* – persona e sombra (1988), de Carlos Byington:

> Apesar da sombra ser inconsciente, nem por isso ela deixa de afetar o ego e a identidade. Os símbolos que atuam na sombra de um sentimento de mal-estar e incompletude à personalidade e ao ego. Isto explica o sentimento de bem-estar e integridade que sentimos ao confrontar e elaborar os símbolos da sombra. [...] Para se confrontar a sombra, nesses casos, é necessária uma elaboração minuciosa, também na identidade [...] que não se restringe somente ao ego mas engloba também a sombra. (BYINGTON, 1988, p.64-65).

Ao longo das obras virgilianas, tem-se ora irmãs gêmeas Ainda/Alda da obra *Estrela Polar* (1962); ora Sofia/Ana do romance *Aparição* (1959); ainda Hélia/Helena, da obra *Rápida, a sombra* (1979), como elementos de estabilidade narrativa e desestabilização das personagens que, pelo conflito, refletem e projetam questões existenciais da percepção de Vergílio e de seus personagens-narradores. Leia-se Rosa Maria Goulart. Há trechos entre aspas que são de Vergílio Ferreira na obra *Conta-Corrente I*, (1993:21), segundo indicações da pesquisadora:

> O que melhor quadra a Vergílio é o romance abstracto, o que impõe a nossa emoção ou à nossa inteligência um problema, o que capta a fulguração dos instantes, o que pretende "apanhar a vida em filigrana, a fugidia finesse nos interstícios da realidade" ou o que proceda a irrealização do real. A sua prosa romanesca é uma prosa alada e não "figurativa", que responderia ao seu desejo de "construir histórias que não se possam narrar". (GOULART, 1999/2000, p. 113, 1º§).

Na presente pesquisa, acrescenta-se, ainda, a observação da predileção declaradamente explícita de Ferreira pela duplicidade até mesmo nos títulos das obras. Essa observação é inferida de forma clara, somente pela escolha e percepção preliminar da organização dos títulos e corroborada após a leitura dos romances pela ressignificação dos elementos semânticos inseridos nas narrativas – notadamente, em obras de transição ou de grande impacto na bibliografia de Ferreira. Considere-se: *Vagão J* (1946), *Manhã Submersa* (1953), *Cântico Final* (1960), *Estrela Polar* (1962), *Alegria Breve* (1965), *Nítido Nulo* (1971), *Signo Sinal* (1979) e *Para Sempre* (1983). Leia-se o artigo "Vergílio Ferreira, Escrever: o título inevitável", de Fernanda Irene Fonseca, publicado na Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas", do Porto em 2003:

> Vergílio Ferreira tinha o culto dos títulos. E a arte, também. A maior parte dos títulos vergilianos vale por si mesma, adquirem uma existência própria. Independente das obras que encabeçam ou identificam. Esta relativa autonomia em relação ao seu co-texto justifica que possam ser objecto de um estudo específico, na

> linha do curto, mas muito denso artigo de Maria Alzira Seixo sobre a poética do título em Vergílio Ferreira. Tomando como *corpus* apenas os títulos de romances, a autora aponta com argúcia algumas características desses títulos. [...] (FONSECA, 2003, p. 479-494).

O texto de Maria Alzira Seixo a que Fernanda Irene Fonseca se refere intitula-se: "Poética do título em Vergílio Ferreira" (2003), e faz uma alusão a diversas configurações semânticas provocadas a partir das combinações, dos títulos compostos por duas palavras, ou pela metaficção presente e evocada a partir de títulos como *Mudança* (1949), *Aparição* (1959), *Cartas a Sandra* (1996). Não obstante, a presente obra em análise discute em diversos momentos, durante toda a narrativa, as estratégias e concepções relacionadas ora à função do escritor, ora ao rigor do crítico.

A narrativa se desenrola, portanto, a partir da interpretação de uma sala vazia que pode significar o abandono, uma tentativa desesperada de retorno ao auge ou a consolidação da existência apática. Sem abismos, sem sustos. Em todo caso, permanecem as dúvidas sobre a vida, o medo da morte, a sombra da velhice, as marcas da passagem do tempo, das possibilidades da linguagem as conjecturas e o talento de contar do autor do livro e do escritor no livro. Uma narrativa profunda, enigmática. Que, rápida, assombra!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** *ensaio sobre a imaginação da matéria.* Taduzido por António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **A poética do devaneio.** Taduzido por António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BYINGTON, Carlos. **Estrutura da personalidade:** persona e sombra. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, Vergílio. **Rápida, a sombra.** 2. ed. Portugal: Livraria Bertrand, 1979.

FERREIRA, Vergílio. "Retomo, pois, ao ponto de partida". In: _____. **Conta Corrente I.** *Diários*. Site: http://www.citador.pt/poemas/retomo-ao-ponto-de-partida-vergilio-antonio-ferreira. Acessado em 06 de outubro de 2012.

_____ "Situação atual do romance". In: **Espaço do Invisível**. Lisboa: Portugália, 1965.

FIALHO, Maria do Céu. "A presença da antiguidade como referência estruturadora no romance de Vergílio Ferreira". Documento em PDF. Site: http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas51/14_Fialho.pdf. Acessado em 07 de outubro de 2012.

FONSECA, Fernanda Irene. "Vergílio Ferreira, Escrever: o título inevitável". In: Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas", do Porto em 2003. Documento em PDF. Site: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3978.pdf. Acessado em 07 de outubro de 2012.

GOULART, Rosa Maria. "Conhecer as base temáticas: figuras da cultura portuguesa." Site: http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1446-vergilio-ferreira.html. 2010, Acessado em 07 de outubro de 2012.

_____. "Vergílio Ferreira: romance, um 'gênero maior' em crise". In. SOUSA, Martim de Gouveia. Revista de Arte e Crítica de Viseu. III Série. 1999/2000, p.107-115.

PAIVA, José Rodrigues. "No limite da existência, o regresso à aldeia eterna: recorrência temática no romance de Vergílio Ferreira". 2006. Documento em PDF. http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/4.%20Dout%20e%20mestres%202006/4.5_Jos__Rodrigues.pdf). Acessado em 07 de outubro de 2012.

SOUSA, Martim de Gouveia. “Vergílio Ferreira e as suas relações com a cidade de Viseu”. Site: http://www.ipv.pt/millenium/ect8_mgs1.htm. 1997. Acessado em 06 de outubro de 2012.